

“Ando há muito tempo para contar uma história de fadas”: *O Lagarto*, de José Saramago

“I’ve been wanting to tell a fairy story for a long time”: José Saramago’s
O Lagarto

Carlos Nogueira

Universidade de Vigo, Cátedra Internacional José Saramago
carlosnogueira@uvigo.es

Palavras-chave: José Saramago, *O Lagarto*, conto, crónica, literatura para a infância, xilografia, literatura de cordel brasileira.

Keywords: José Saramago, *O Lagarto* (*The Lizard*), tale, chronicle, children’s literature, xylograph, Brazilian cordel literature.

A relação da escrita de José Saramago (1922-2010) com os leitores mais jovens começou em 2001, com a publicação da narrativa, ilustrada por João Caetano, *A Maior Flor do Mundo*. Este foi o primeiro e o único texto que o escritor português dirigiu explicitamente ao público infantil, mas não é a única obra de Saramago que, no formato de álbum ilustrado, podemos ser induzidos a associar ao universo da literatura para a infância. Vejamos: em janeiro de 2011, sete meses após a morte de José Saramago, sai, com ilustrações de Manuel Estrada, *El Silencio del Agua*, que retoma um fragmento do livro *As Pequenas Memórias* (2006). A publicação em língua espanhola é de 2007), como se lê na ficha técnica. Em 2015, surge uma edição ilustrada d’*O Conto da Ilha Desconhecida* (ilustrações de Fátinha Ramos, Porto: Porto Editora), publicado pela primeira vez em 1997 (desenhos de Pedro Cabrita Reis, Lisboa: Pavilhão de Portugal Expo’98 / Assírio & Alvim). Este texto não foi escrito necessária e especificamente para o público infantil e, mais propriamente, juvenil, mas a sua inclusão na lista de livros recomendados para os alunos do 8º ano de escolaridade faz com que se tenda a vê-lo enquanto obra originalmente destinada aos leitores infantis e juvenis. Para essa ideia generalizada muito contribuem quer o título do livro, cuja configuração (o termo “conto” associado ao sintagma “Ilha Desconhecida”) lembra os livros de aventuras tão ao gosto do público mais jovem, quer, desde 2015, a informação, destacada na capa em forma de uma espécie de selo, “Leitura recomendada. 8º ano”. Em setembro de 2016, quinze anos depois da publicação de *A Maior Flor do Mundo* e seis após o falecimento do autor, é publicado um novo álbum ilustrado que mais uma vez

o público poderá ser imediatamente induzido a associar à literatura infantil: *O Lagarto*, com ilustrações (xilografuras) de J. Borges, um artista (xilógrafo) e cordelista brasileiro. Trata-se agora da republicação de um texto (uma crónica ou um conto) incluído no livro *A Bagagem do Viajante* (1973), que reúne crónicas saídas no vespertino *A Capital* (1969) e no *Jornal do Fundão* (1971-1972).

No álbum *O Lagarto* não há qualquer referência à origem do texto, que foi publicado pela primeira vez como crónica num jornal e como tal republicado no livro *A Bagagem do Viajante*, que tem como subtítulo precisamente o termo *Crónicas*. Mas é como conto, ou, mais livremente, como história, que o leitor, jovem ou adulto, lerá *O Lagarto*, em cuja contracapa, em grandes caracteres vermelhos, encontramos esta advertência: “De hoje não passa. Ando há muito tempo para contar uma história de fadas, mas isto de fadas foi chão que deu uvas, já ninguém acredita, e por mais que venha jurar e trejurar, o mais certo é rirem-se de mim. Afinal de contas, será a minha simples palavra contra a troça de um milhão de habitantes. Pois vá o barco à água, que o remo logo se arranjará”. Este é o primeiro parágrafo de um texto que, publicado num jornal enquanto crónica e republicado também enquanto tal num livro de crónicas, terá certamente levado muitos dos primeiros leitores a questionarem o estatuto genológico de uma narrativa que parece ser muito mais um conto (ou uma “história de fadas”, como o narrador afirma logo na primeira frase) do que uma crónica. Terá sido a configuração de conto que determinou, antes de mais, a escolha deste texto para inclusão num álbum ilustrado, mas a sua vertente cronística de representação de um espaço e um tempo presentes (Lisboa, o Chiado) não terá estado ausente dos critérios dos responsáveis pela ideia e pela conceção deste livro. Na ficha técnica, aparece o nome de Alejandro García Schnetzer como detentor dos direitos “da obra original”, e é assim porque foi sua a ideia de combinar a crónica de José Saramago à arte pictórica do brasileiro J. Borges. O livro *El Silencio del Agua*, ao qual nos referimos acima, nasceu também da iniciativa do editor Alejandro García Schnetzer (Schnetzer, 2016, pp. 71-78).

O leitor que não conheça “O Lagarto” enquanto crónica não saberá que o parágrafo que na edição de 2016 surge na contracapa é o primeiro da versão original; e não saberá que esse primeiro texto tem agora n’*O Lagarto* enquanto álbum ilustrado uma organização por parágrafos com algumas diferenças, sem que isso altere o conteúdo. O primeiro parágrafo do livro é a primeira frase do segundo parágrafo da crónica: “A história é de fadas” (sem numeração de páginas. Posteriores referências aparecerão com a indicação s.n.). Este *incipit*, sobretudo para o público mais jovem, é exemplar, e nem o facto de aqui ecoar a frase ou as frases próximas que introduzem o ato de contar um conto (como “Vou contar-te uma história de fadas”, entre muitas outras combinações possíveis) diminui essa exemplaridade. Há, pelo contrário, um ganho de expressividade e de aura, uma vez que, em Saramago, a clareza da ideia e a simplicidade da expressão não são incompatíveis com profundidade e seriedade. Saramago foi um mestre nesta ligação entre o mais oralizante e o mais concetual; um mestre no ato de escrever como quem conta uma história, a diz na presença de uma pessoa ou de um auditório.

José Saramago, em 1998, escrevia “que, para entender quem eu sou, há que ir às crónicas. As crónicas dizem tudo (e provavelmente mais do que a obra que

veio depois) aquilo que eu sou como pessoa, como sensibilidade, como percepção das coisas, como entendimento do mundo: tudo isso está nas crónicas” (Saramago, como citado em Reis, 2015, p. 46). O escritor, com o respeito que sempre se lhe reconheceu por quem estudou e deu a conhecer a sua obra, ressaltava a possibilidade de os estudiosos da literatura terem “outra opinião, perfeitamente legítima e se calhar muito mais fundada” (Saramago, como citado em Reis, 2015, p. 46).

Concordamos inteiramente com Saramago, e podemos recorrer a “O Lagarto” para demonstrar que a crónica ocupa um lugar especial na economia da obra literária de José Saramago. A frase “A história é de fadas”, simples mas sonante, constitui uma espécie de síntese da escrita de Saramago, e a crónica “O Lagarto” é, neste raciocínio, um texto minimal que tem em si as principais características éticas e estéticas que celebrizaram este autor: a narrativa literária como representação e descoberta do mundo, da passagem do tempo e das transformações da História; a subversão de ideias feitas, pessoas, instituições e acontecimentos históricos tornados intocáveis pelos discursos oficiais; a escrita fluida e transparente, sem “aqueles ritmos e aquela espécie de ramificação constante” (Saramago, como citado em Reis, 2015, p. 45) e sem aquela “espécie de barroquismo” que marcaram os primeiros romances do autor (Saramago, como citado em Reis, 2015, p. 46); o recurso à fusão do apontamento mais realista com elementos do maravilhoso e do fantástico; a assunção de que o escritor e o homem que lhe corresponde são uma e a mesma pessoa, e que, portanto, a responsabilidade ética da escrita deve prolongar-se na responsabilidade do escritor enquanto cidadão.

A tudo isto acresce, nas crónicas de Saramago, o “prenúncio da descoberta do mágico poder inventivo de símbolos, alegorias e estranhas personagens que abundantemente têm povoado a ficção deste escritor” (Reis, 2015, p. 32). A personagem de *O Lagarto* é uma estranha personagem e um símbolo, sem dúvida, e a história funciona como uma alegoria com muitas possibilidades de leitura. Perante esta narrativa e as ilustrações (xilografuras) de J. Borges, os leitores adultos, dependendo da sua formação e do seu conhecimento sobre a obra e o pensamento de Saramago, captarão conscientemente o princípio que atravessa toda a escrita deste autor, para quem escrever foi sempre ação na vida da *pólis*, participação no fazer da vida pública e, em particular, política. Os leitores mais jovens farão interpretações diversas, mas não lhes escapará (muito pelo contrário, aliás, decerto) a matriz desta história, que nos fala de desconfiança, autoridade e poder (as forças de segurança interna e as Forças Armadas investem sobre o lagarto, que, de repente, se transforma numa grande rosa vermelha e depois numa pomba branca), e também de transformação ética e estética do mundo. *O Lagarto* é claramente um *discurso*, como advoga Hannah Arendt, que se manifesta na esfera pública por meio da sabedoria reflexiva, da razão, do pensamento. Neste lagarto, personagem do fantástico que vem a ser, no final, uma pomba branca, há pensamento político e ação política, há, como no conto maravilhoso ou de fadas anónimo, um profundo sentimento de justiça e ética, há esperança no futuro do ser humano e do mundo (apesar do pessimismo confesso de Saramago), mas há, antes de mais, literatura. *O Lagarto* é um exemplo perfeito da *práxis* e da *poésis* artística e intelectual de José Saramago, que neste texto nos diz que uma *pólis*

para todos, humanos e não humanos, pode nascer em qualquer lugar, em qualquer momento.

As ilustrações de *O Lagarto* remetem para uma tradição cultural e literária brasileira dita popular: a literatura de cordel e as xilogravuras das capas dos chamados folhetos (ressalve-se desde já: no cordel típico só as capas são ilustradas. Dizemos “típico” porque há cada vez mais um tipo de “folheto” ou livro, denominado “cordel ilustrado”, que inclui ilustrações no interior, a preto e branco ou, mais recentemente, a cores, quando no cordel clássico as xilogravuras da capa são quase sempre a traço negro). Há uma certa coincidência temática e de motivos e um diálogo implícito com obras clássicas da literatura de cordel como *O Pavão Misterioso*, e isso explicará, parece-nos, a escolha de J. Borges como autor das ilustrações deste livro. J. Borges, um mestre incontestado da xilogravura, tem ilustrado inúmeras capas de folhetos de cordel, mas também livros destinados ao grande público, como, entre outros, para além de *O Lagarto*, a edição brasileira completa, muito cuidada graficamente, dos contos dos Grimm (São Paulo: Cosac Naify, 2012).

O papel das ilustrações, nos livros dirigidos, antes de mais, aos públicos infantil e juvenil, não se resume à clarificação da mensagem. A ilustração não é uma paráfrase que visa concretizar um texto, torná-lo simplesmente legível ou compreensível. Em *A Ilustração do Livro Infantil*, Luís Camargo classifica as funções da ilustração em termos que revelam bem a sua complexidade: funções descritiva, narrativa, estética ou lúdica, ética e simbólica (Camargo, 1995), as quais, acrescentamos nós, se atualizam diferentemente de leitor para leitor e de faixa etária para faixa etária. A imagem da capa, só por si, atrai o olhar do potencial leitor (ou comprador), convida-o a folhear o livro e, ao mesmo tempo, conduz à identificação imediata do tema ou da personagem central do texto (ou, n’*O Lagarto*, personagens, porque na capa do livro temos um lagarto, identificável com os monstros em que era fértil a literatura de cordel portuguesa, e, um pouco por cima dele, uma pomba. O lagarto desta “história de fadas”, como o leitor saberá e como dissemos acima, transforma-se, no final, numa rosa vermelha e, a seguir, numa pomba).

Estamos no universo do álbum ilustrado, mas podemos procurar compreender a estratégia de construção da capa d’*O Lagarto* como se estivéssemos a analisar a capa de um folheto de cordel. A xilogravura da capa anuncia um relato de ações centrado num estranho monstro e num animal mais reconhecível (uma pomba) que voa sobre ele. Pretende atingir-se um resultado que, no fundo, não difere do resultado que os tipógrafos e os editores-impressores da literatura de cordel portuguesa e europeia visavam, e que é também o resultado que perseguem ainda hoje os responsáveis pelos muitos folhetos de cordel que vão sendo produzidos no Brasil. Podemos dizer que, hoje, com o desenvolvimento do livro infanto-juvenil ou do álbum ilustrado em geral em Portugal, há, pelo menos nas editoras mais especializadas, fortes preocupações estéticas e de produção gráfica que não existiam. Mas o objetivo fundamental (publicitário, comercial) da capa, agora como no passado, vem a ser, no essencial, o mesmo: atuar cognitiva e emocionalmente sobre o comprador potencial e eventual leitor, e para isso as gravuras devem desencadear um significativo impacto visual junto do público.

Podemos identificar na construção da capa d’*O Lagarto* outra semelhança evidente com a literatura de cordel, relacionada, obviamente com o que acabámos de dizer sobre o efeito cognitivo e emocional da imagem (e não só: também os caracteres e as suas cores, os seus tamanhos, toda a organização, enfim) da capa. Apesar dos discursos necessariamente dissemelhantes, o título e a gravura interagem perfeitamente e convergem numa mesma estratégia: a redução da mensagem ao essencial, primeiro, mas também a multiplicação de sentidos propostos pela inteligência e pela sensibilidade de cada leitor. Porque é o primeiro signo a ser visto (ou pelo menos aquele que mais atenção desperta, porque não é de supor que os compradores d’*O Lagarto* sejam analfabetos, como eram muitos dos compradores de folhetos portugueses ou europeus, e como eram e são ainda muitos dos compradores brasileiros de folhetos de cordel), a imagem da capa não pode deixar de revelar ou de sugerir as principais linhas do texto.

Escrevíamos acima que não é provável que entre os compradores d’*O Lagarto* haja algum comprador analfabeto. Mas há, com certeza, não leitores (crianças) entre os consumidores deste livro, que se inscreve na categoria de livros (os álbuns ilustrados) que atingem o seu público de eleição (ou um dos seus públicos) por meio de “mediadores que, por um lado, compram o livro e, por outro, o leem muitas vezes em voz alta para ele” (Linden, 2011, p. 29). Estas palavras de Walter Benjamin, no texto “Visão do livro infantil”, ajustam-se bem ao universo pictórico, de qualidade e originalidade inegáveis, d’*O Lagarto*: “Nesse mundo permeável, adornado de cores, [...] a criança é recebida como companheira. Fantasiada, com todas as cores que capta lendo e vendo, a criança entra no meio de uma mascarada e também participa dela” (Benjamin, 1984, p. 55).

Dar a conhecer num livro ilustrado um texto que Saramago escreveu e publicou como crónica é um modo de visitar e divulgar a obra de um escritor incontornável das literaturas portuguesa e universal. N’*O Lagarto*, como em toda a escrita de José Saramago, a realidade e a imaginação encontram-se perfeitamente unidas, sem que a imaginação apague o sentido da realidade, e sem que a realidade mate a beleza e o encanto que somos capazes de encontrar, criar e querer no mundo. Para Saramago, tudo aquilo que imaginamos e contamos existe, faz parte do mundo, e é por isso mais real do que muito daquilo a que chamamos realidade. Ao lerem, ao ouvirem ou ao inventarem uma história, as crianças (e não só) são atores e “cenógrafos que não se deixam censurar pelo «sentido»” (Benjamin, 1984, p. 55). Para elas, a transformação da rosa em pomba, n’*O Lagarto*, é aquilo que não pode ser dito senão por essas mesmas palavras, “é o impronunciável que paradoxalmente se pronuncia” (Lourenço, 1974, p. 137), é “o que diz a palavra poética” (literária) (Lourenço, 1974, p. 137), é um instante de pura e intensa realidade do imaginário e do maravilhoso: “E então a rosa moveu-se rapidamente, tornou-se branca, as pétalas mudaram-se em penas e asas – e uma pomba levantou voo para o céu azul”.

N’*O Lagarto*, diz-nos o narrador, a “história é de fadas”, um conto de fadas, portanto, ou conto maravilhoso, que “é ainda hoje o primeiro conselheiro das crianças, porque foi o primeiro da humanidade, e sobrevive, secretamente, na narrativa. O primeiro narrador verdadeiro é e continua sendo o narrador de contos de fadas” (Benjamin, 1985, p. 215).

Referências bibliográficas

- Benjamin, W. (1984). Visão do livro infantil. In *Reflexões: a Criança, o Brinquedo, a Educação* (pp. 55-60). Trad. de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo, Brasil: Summus.
- Benjamin, W. (1985). O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In *Obras Escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre Literatura e História da Cultura* (pp. 197-221). Pref. de Jeanne Marie Gagnebin. Trad. de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasil: Brasiliense.
- Camargo, L. (1995). *A Ilustração do Livro Infantil*. Belo Horizonte, Brasil: Editora Lê.
- Linden, S. Van der (2011). *Para Ler o Livro Ilustrado*. Trad. de Dorothée de Bruchard. São Paulo, Brasil: Cosac Naify.
- Lourenço, E. (1974). Eugénio de Andrade ou o paraíso sem mediação. In *Tempo e Poesia* (pp. 133-148). Porto, Portugal: Editorial Inova.
- Reis, C. (2015). *Diálogos com José Saramago*. Porto, Portugal: Porto Editora.
- Saramago, J. (1973). *A Bagagem do Viajante*. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho.
- Saramago, J. (2016). *O Lagarto*. Xilogravuras de J. Borges. Porto, Portugal: Porto Editora / Fundação José Saramago.
- Schnetzer, A. G. (2016, agosto). Um texto só sobrevive quando muda. Entrevista concedida por Alejandro García Schnetzer. *Blimunda*, 51, 71-78.

Resumo

“A história é de fadas”. Começa assim, com esta frase declarativa que é também um parágrafo, o álbum ilustrado *O Lagarto* (2016), com texto de José Saramago e ilustrações de J. Borges. Neste artigo, tendo bem presente a relação de Saramago com a literatura dirigida aos públicos infantil e juvenil, estudaremos *O Lagarto* enquanto texto verbal e enquanto texto pictórico ou visual, e procuraremos identificar e compreender as mensagens que ele encerra. Tratando-se de um texto, publicado há mais de quatro décadas e inicialmente destinado apenas a um público (adulto e leitor de jornais) muito distinto do também visado neste álbum ilustrado (as crianças e os jovens), equacionaremos ainda o seu estatuto genológico.

Abstract

“This story is about fairies.” This declarative sentence, which is also a paragraph, begins the illustrated album *O Lagarto (The Lizard)* (2016), with text by José Saramago and illustrations by J. Borges. In this article, bearing in mind Saramago’s relationship with literature aimed at children and young adults, we will study *The Lizard* as a verbal text and as a pictorial or visual text, and we will try to identify and understand the messages that it contains. The text was first published more than four decades ago and was initially intended only for a public (adults and newspaper readers) very different from the one targeted by this illustrated album (children and young people), so we will also consider the question of which genre it belongs to.